

PERÍODOS DE OBSERVAÇÃO: RELAÇÃO PROFESSOR E ALUNO COM TEA

Breniane Silva da Silva ¹
Lilany dos Santos da Silva ²
Miguel Antonio Cassiano Meireles de Castro ³
Nayara França Alves ⁴
Karoline Braga Aldenas ⁵

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise detalhada das experiências e aprendizagens desenvolvidas durante o período de observações e atividades realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP). O projeto teve como principal objetivo integrar conhecimentos dos cursos de Licenciatura em Física, Licenciatura em Informática e Licenciatura Letras Português/Inglês, com foco na criação de práticas pedagógicas interdisciplinares voltadas ao atendimento de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A partir deste processo colaborativo entre bolsistas dos três cursos, foram desenvolvidas atividades didáticas utilizando simulações digitais, com intuito de tornar os conceitos de Física mais compreensível e acessível a alunos com TEA. As simulações foram utilizadas como recursos centrais, promovendo uma aprendizagem significativa, explorando elementos gráficos e dinâmicos favorecendo a atenção e compreensão dos fenômenos da Física. A contribuição dos bolsistas de Informática foi essencial para a criação e personalização das simulações, enquanto os participantes de Letras auxiliaram na adaptação linguística e comunicacional do conteúdo, garantindo linguagem clara e adequada às necessidades dos estudantes. As ações foram realizadas em ambiente escolar sob supervisão docente, com planejamento prévio e observação sistemática dos efeitos das estratégias adotadas para melhor desempenho do aluno. Os resultados apontam que o uso de simulações digitais, aliadas a práticas pedagógicas interdisciplinares e inclusivas, contribuíram significativamente para o engajamento e participação dos estudantes com TEA nas aulas. O projeto evidenciou o potencial transformador da formação inicial docente quando pautada na colaboração entre diferentes áreas do conhecimento, promovendo aprendizagem que dialogam com os interesses e formas de aprendizado dos estudantes. Por fim, reforça-se a importância de metodologias de ensino que considerem a neurodiversidade como elemento central no processo educativo, promovendo uma educação mais equitativa e sensível às diferenças, compreendida com a valorização da diversidade humana.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Física, do Instituto Federal do Amapá - IFAP, brenisilvadasilva@gmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Física, do Instituto Federal do Amapá - IFAP, lilanydasilva017@gmail.com

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Física, do Instituto Federal do Amapá - IFAP, miguelantonio200684@gmail.com;

⁴ Professora Orientadora: Doutora em Ensino de Ciências Exatas pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES, Instituto Federal do Amapá - IFAP, nayara.alves@ifap.edu.br

⁵ Professora Supervisora: Mestra em Ensino de Física pela Universidade Federal do Pará - UFPA, Instituto Federal do Amapá - IFAP, karoline.aldenas@ifap.edu.br

A educação inclusiva tem se consolidado como um dos pilares fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa, equitativa e consciente da diversidade humana. Nesse contexto, o papel do professor em formação ganha relevância especial, pois é durante esse processo que se desenvolvem as competências necessárias para atuar de forma sensível, criativa e crítica diante das múltiplas realidades que compõem o ambiente escolar. O presente artigo nasce dessa perspectiva, apresentando uma análise detalhada das experiências, aprendizagens e reflexões adquiridas durante as atividades realizadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP).

O projeto desenvolvido teve como propósito central promover a integração entre os cursos de Licenciatura em Física, Licenciatura em Informática e Licenciatura em Letras Português/Inglês, por meio da criação de práticas pedagógicas interdisciplinares voltadas à inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa proposta partiu do reconhecimento da necessidade de adaptar os processos de ensino e aprendizagem de modo que contemplam diferentes formas de compreensão, expressão e interação, especialmente em contextos nos quais a neurodiversidade é uma característica presente e significativa.

Ao longo das ações realizadas, buscou-se explorar recursos tecnológicos e metodológicos capazes de tornar o ensino de Física mais acessível, dinâmico e significativo para estudantes com TEA. Nesse sentido, as simulações digitais surgiram como instrumentos centrais, permitindo a visualização e a experimentação de fenômenos físicos de maneira interativa. A utilização desses recursos, aliada à colaboração entre os bolsistas das diferentes áreas, proporcionou um ambiente de aprendizagem rico em possibilidades e em constante diálogo entre teoria e prática. Os acadêmicos de Informática contribuíram diretamente para o desenvolvimento e personalização das simulações, enquanto os estudantes de Letras atuaram na adaptação linguística e comunicacional dos conteúdos, assegurando clareza, objetividade e adequação às necessidades dos alunos.

Os resultados do projeto apontam que o uso de simulações digitais, integrado a metodologias interdisciplinares e inclusivas, contribuiu de maneira significativa para o





aumento da atenção, da compreensão e da participação dos estudantes com TEA nas aulas de Física. Além disso, a experiência revelou o quanto o trabalho colaborativo entre diferentes áreas do conhecimento pode enriquecer a prática docente, estimulando a criatividade e o desenvolvimento de estratégias mais humanizadas e eficazes de ensino.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, tendo como foco a realidade da escola-campo observada. O estudo buscou compreender as práticas docentes, os recursos utilizados, as estratégias de inclusão e a relação entre professores e estudantes em diferentes contextos de ensino. Para isso, foram adotados procedimentos que privilegiaram a observação direta e a análise reflexiva das situações vivenciadas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP), Campus Macapá.

A coleta de dados ocorreu por meio de registros em diário de campo, onde foram sistematizadas as observações referentes às aulas, à infraestrutura disponibilizada e às interações entre docentes e discentes. Além da observação, foram considerados materiais institucionais e didáticos utilizados pelos professores, bem como os recursos tecnológicos incorporados às práticas pedagógicas. Essa triangulação de fontes possibilitou uma compreensão mais ampla do ambiente escolar e das estratégias empregadas no processo de ensino-aprendizagem.

1ª Observação e Aplicação do Método POE – 20 de junho de 2025

No dia 20 de junho de 2025, foi realizada a aplicação de uma atividade desenvolvida por outro subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), voltada especificamente para estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O projeto foi supervisionado pela Professora Karoline Aldenas Braga e conduzido pelos bolsistas Adriene Farias, Ana Maria Rodrigues, Brenda da Costa, Jeize Brenda da Silva, Laíce dos Santos, Liliany da Silva e Miguel Antonio de Castro, tendo como objetivo aplicar e observar a execução da atividade com foco na inclusão e acessibilidade no processo de ensino-aprendizagem.





A aula regular, ministrada pelo Professor Anderson, teve início com a apresentação de seminários pelos discentes. Após o término da aula, permaneceram apenas os estudantes com TEA previamente selecionados para participar da aplicação, totalizando seis alunos.

A Professora Aldina Tatiana Pereira iniciou o momento apresentando os integrantes do PIBID aos estudantes e explicando que os bolsistas estariam disponíveis para oferecer suporte individualizado durante toda a atividade. Em seguida, realizou uma explicação detalhada sobre o funcionamento da proposta, esclarecendo que cada etapa teria duração aproximada de 30 minutos.

Os alunos receberam os materiais impressos da atividade, acompanhados dos termos de consentimento a serem assinados pelos próprios estudantes e seus responsáveis. Cada participante com TEA foi acompanhado por uma dupla de bolsistas do PIBID, de modo a garantir um acompanhamento atento e personalizado durante toda a execução.

Dentre todos os alunos que participaram da aplicação do material, será relatada a experiência do estudante **Felipe Sena Farias**, diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Durante o acompanhamento, observou-se que o aluno demonstrou interesse e concentração ao organizar os papéis recebidos, iniciando anotações e rabiscos que remetiam a conteúdos de Física e Matemática. Em um primeiro momento, essa atitude gerou dúvidas quanto à sua compreensão da proposta; entretanto, optou-se por respeitar sua autonomia, visto que o aluno não solicitou auxílio.

No decorrer da atividade, e conforme o cronograma estipulado, os estudantes foram orientados a acessar o sistema SUAP, onde os exercícios estavam disponíveis na pasta do Professor Anderson. Felipe realizou o acesso de forma independente, solucionando os desafios e respondendo adequadamente às questões, o que evidenciou domínio do conteúdo e boa capacidade de interpretação.

Ao final da aplicação, a Professora Aldina Tatiana realizou entrevistas individuais com os alunos participantes. Durante sua entrevista, Felipe expressou uma análise crítica sobre a metodologia utilizada, afirmando que não a recomendaria, por considerar que tanto a atividade quanto avaliações como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) apresentam falhas estruturais em sua execução.





Em contrapartida, a maioria dos demais estudantes com TEA demonstrou entusiasmo e envolvimento positivo com os bolsistas, evidenciando satisfação com a proposta. No caso de Felipe, sua postura reservada e suas reflexões revelaram um estudante com elevada capacidade de análise e senso crítico, consciente de suas potencialidades e atento às limitações das práticas educacionais voltadas à inclusão.

2ª Observação e Aplicação do Método POE – 23 de setembro de 2025

A segunda aplicação do Método POE (Predizer, Observar e Explicar) foi desenvolvida e implementada por oito bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), integrantes do Subprojeto Física–Informática–Letras, sob a supervisão da Professora Karoline Braga Aldenas. A docente distribuiu as responsabilidades entre os participantes conforme suas áreas de formação, a fim de promover um trabalho interdisciplinar.

Os licenciandos em Letras — Adriene Alves Farias, Ana Maria Freitas Rodrigues e Jeize Brenda Costa da Silva — foram responsáveis pela elaboração de uma crônica que para base narrativa da atividade, abordando conceitos de Hidrostática. Além disso, redigiram as questões correspondentes à etapa “Explicar” do método.

Os licenciandos em Física — Breniane Silva da Silva, Lilliany dos Santos da Silva e Miguel Antonio Cassiano Meireles de Castro Silva — desenvolveram a atividade experimental a partir do contexto da crônica, elaborando as etapas “Predizer” e “Observar”.

Por sua vez, os licenciandos em Informática — Brenda Palheta da Costa e Laíce Alcantra dos Santos — foram responsáveis pela elaboração das ilustrações, diagramação das folhas em formato A4 e criação de um jogo digital de caça-palavras interativo, acessível por meio de um QRCode.

A aplicação da segunda versão do Método POE ocorreu em uma turma do Ensino Médio sob regência da Professora Aldina Tatiana Silva Pereira. A atividade baseou-se na crônica “O mistério do barco que não afundava”, cuja narrativa abordava os princípios da Hidrostática de forma didática e contextualizada, utilizando linguagem clara e acessível.

Após a leitura da crônica, os estudantes foram conduzidos por três etapas correspondentes às fases do método: Predizer, Observar e Explicar.



A fase “Predizer” teve como propósito favorecer a compreensão inicial do contexto narrativo, incentivando os alunos — especialmente aqueles com Transtorno do Espectro Autista (TEA) — a formular hipóteses com base na leitura do texto. Três questões nortearam essa etapa, buscando estimular a reflexão sobre os conceitos de empuxo, densidade e flutuação.

Etapa 1 – Predizer

- 1. Levando em consideração as palavras-chave, o que o empuxo significa?*
- 2. Por que alguns objetos conseguem flutuar na água e outros não?*
- 3. Na sua opinião, o que faz um barquinho de alumínio flutuar na água: o peso ou o formato? Explique.*

Etapa 2 – Observar

A etapa “Observar” teve como objetivo aprofundar a compreensão dos conceitos de flutuabilidade e densidade, levando os alunos a analisar, de maneira comparativa, o comportamento de diferentes objetos na água.

Os estudantes responderam inicialmente duas questões abertas sobre os conceitos de Hidrostática e, em seguida, preencheram uma tabela indicando se determinados materiais — como madeira, PVC, gelo, isopor, tijolo e alumínio — afundavam ou flutuavam.

Durante a atividade, observou-se que a ausência de informações específicas sobre o formato e a densidade dos objetos gerou interpretações distintas, sobretudo nos casos do PVC e do alumínio, o que contribuiu para discussões construtivas sobre a influência dessas variáveis.

Para reforçar a aprendizagem, os alunos utilizaram a simulação interativa PhET – “Flutuabilidade”. Através dela, puderam testar suas hipóteses e revisar suas respostas iniciais, analisando os valores de densidade, massa e volume apresentados pela plataforma. Ao final, os estudantes indicaram se haviam acertado ou não suas respostas e, em caso de erro, justificaram com base nas observações realizadas.

Etapa 3 – Explicar



Na fase “Explicar”, buscou-se avaliar a consolidação do conhecimento. Os alunos reinterpretaram os conceitos de Hidrostática e a narrativa apresentada, relacionando-os a situações do cotidiano.

A crônica trouxe como personagens Arquimedes e seu sobrinho Luca, discutindo, de forma lúdica, por que um barco de papel alumínio contendo moedas flutua, enquanto uma pedra afunda. As três questões dessa etapa, acompanhadas de imagens ilustrativas, incentivaram a reflexão sobre as forças envolvidas e a aplicação do empuxo em contextos reais.

Para encerrar a atividade, os estudantes participaram de um jogo digital de caça-palavras, acessado via QRCode, com oito termos relacionados à Hidrostática. Essa etapa teve caráter lúdico e funcionou como um recurso de reforço pedagógico e motivacional, promovendo o aprendizado de forma interativa.

Ao término da aplicação, os licenciandos do subprojeto, juntamente com as professoras Karoline Aldenas Braga e Aldina Tatiana Silva Pereira, realizaram entrevistas com os oito alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que participaram da atividade. As entrevistas ocorreram em ambiente reservado, garantindo tranquilidade e conforto aos participantes. O objetivo foi compreender a percepção dos discentes sobre a metodologia, o grau de dificuldade, a clareza das questões e a relevância da proposta. As respostas foram registradas por escrito e gravadas em áudio, de modo a assegurar fidelidade às declarações.

De modo geral, os estudantes demonstraram boa receptividade à proposta do Método POE, destacando a clareza da crônica e o caráter interativo das etapas. O aluno Hedson avaliou a atividade positivamente, relatando que as ilustrações e a simulação auxiliaram em sua compreensão. O estudante associou o conteúdo da Hidrostática a referências visuais de sua infância, como o desenho Show da Luna, demonstrando que a contextualização visual facilita o aprendizado.

O aluno Pedro Henrique Louzada elogiou a estrutura da atividade e a narrativa da crônica, destacando que o texto favoreceu a compreensão dos conceitos de força peso, força normal e empuxo. Também sugeriu que, em futuras aplicações, o formato e a massa dos objetos fossem especificados para evitar interpretações ambíguas.





O estudante Geraldo Patrício de Melo Neto ressaltou que a linguagem acessível e as palavras-chave destacadas no texto facilitaram a assimilação dos conceitos, considerando o material autoexplicativo e didático.

Em contraste, o aluno Felipe Sena Farias apresentou uma visão crítica sobre o método, classificando-o como “semelhante a uma prova tradicional”. Sugeriu a inclusão de mais cálculos e considerou que o jogo de caça-palavras não contribuiu significativamente para a fixação do conteúdo.

Os colegas Arthur da Silva Botelho Vilhena e Lucas Gustavo dos Anjos Oliveira também apontaram observações construtivas. Arthur destacou a importância das imagens no apoio à compreensão do conteúdo e elogiou o uso da simulação PhET. Lucas, por sua vez, valorizou a interatividade da ferramenta digital, mas sugeriu que o jogo fosse substituído por uma palavra-cruzada, por considerá-la mais eficaz para fixação de conceitos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação inclusiva, ao reconhecer a diversidade como elemento constitutivo do processo educativo, propõe a superação de práticas excludentes e a valorização das diferenças humanas. De acordo com Mantoan (2003), a inclusão escolar não se limita a inserir estudantes com deficiência nas escolas regulares, mas exige a reorganização das práticas pedagógicas, currículos e atitudes docentes, de modo que todos os alunos possam aprender e participar de forma significativa. Nesse mesmo sentido, Baptista (2015) destaca que a inclusão implica compreender o aluno com deficiência — entre eles, os com Transtorno do Espectro Autista (TEA) — como sujeito de direitos, cuja aprendizagem requer mediação, escuta e flexibilidade nas estratégias de ensino.

No contexto brasileiro, a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008) reafirma a necessidade de práticas pedagógicas que garantam o acesso, a permanência e a participação dos estudantes público-alvo da educação especial. O aluno com TEA, por apresentar particularidades nas formas de comunicação, socialização e atenção (Kanner, 1943; Wing, 1988), demanda metodologias que considerem suas especificidades cognitivas e sensoriais, sem desvalorizar suas potencialidades. Assim, o



papel do professor é o de mediador das interações, promovendo situações de aprendizagem que despertem o interesse e favoreçam a autonomia (Vygotsky, 1998).

A relação entre professor e aluno é, portanto, central no processo educativo. Para Freire (1996), ensinar é um ato de diálogo e reconhecimento do outro como sujeito de saber. No contexto da inclusão, essa postura implica compreender que cada estudante aprende de forma singular, e que o vínculo afetivo e a comunicação empática são condições fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social. Carvalho (2012) reforça que a mediação pedagógica deve ocorrer de modo intencional, planejado e sensível, promovendo interações que estimulem o pensamento, a linguagem e a participação ativa do aluno com TEA.

Outro eixo que fundamenta o presente estudo é a formação docente e a interdisciplinaridade. A formação inicial de professores deve possibilitar a construção de saberes integrados, que articulem teoria e prática (Tardif, 2002; Pimenta, 2002). No âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), essa articulação se concretiza na vivência de situações reais de ensino, estimulando o trabalho colaborativo entre licenciandos de diferentes áreas. Fazenda (2008) comprehende a interdisciplinaridade como uma atitude de abertura e diálogo entre os campos do conhecimento, capaz de promover uma aprendizagem mais contextualizada e significativa. Nesse sentido, o trabalho conjunto entre Física, Letras e Informática representa uma experiência formativa que rompe com a fragmentação do saber e favorece a construção de práticas pedagógicas inovadoras.

O uso de tecnologias digitais no ensino é outro aspecto relevante para a aprendizagem de estudantes com TEA. As ferramentas digitais e simulações interativas permitem a visualização de fenômenos abstratos e a exploração autônoma do conhecimento. Valente (2005) e Kenski (2012) destacam que as tecnologias, quando utilizadas de forma pedagógica, ampliam as possibilidades de expressão e compreensão dos alunos, promovendo um aprendizado ativo. Para Papert (1980), o uso de recursos computacionais deve estar vinculado à construção do conhecimento, permitindo ao aluno “aprender fazendo”, em um ambiente de experimentação e descoberta. No ensino de Ciências, simulações como as da plataforma PhET Interactive Simulations têm se mostrado eficazes na representação de conceitos complexos, favorecendo a aprendizagem significativa.

Dessa forma, o presente estudo se fundamenta na perspectiva de uma educação inclusiva, interdisciplinar e mediada por tecnologias, em que o professor atua como mediador





e facilitador da aprendizagem. A articulação entre o Método POE, as simulações digitais e a colaboração entre diferentes áreas do conhecimento expressa um compromisso com práticas pedagógicas que valorizam a diversidade, a autonomia e a participação de todos os estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise comparativa entre as duas observações evidencia uma evolução significativa na aplicação do Método POE, tanto em termos de estrutura didática quanto de adequação às necessidades dos estudantes com TEA. A segunda versão demonstrou melhor integração entre teoria e prática, tornando o conteúdo mais acessível e promovendo uma aprendizagem mais autônoma e significativa.

Constatou-se que o uso de narrativas facilita a compreensão conceitual e desperta o interesse dos alunos, enquanto as simulações digitais contribuem para o desenvolvimento do raciocínio científico e da capacidade de experimentação. Por outro lado, as críticas sobre o formato de algumas atividades revelam a importância de considerar a percepção dos próprios estudantes no processo de construção e validação das metodologias inclusivas.

Quanto às práticas docentes, observou-se que o ensino não se restringe à mera transmissão de conteúdos, mas assume caráter colaborativo e reflexivo. O planejamento coletivo, envolvendo professores de diferentes áreas e licenciandos, ampliou as formas de abordagem pedagógica, permitindo que os conteúdos fossem trabalhados de modo contextualizado.

Em relação à inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), verificou-se uma postura pedagógica comprometida com a equidade. O acompanhamento próximo, a linguagem adaptada, o uso de recursos visuais e a divisão das atividades em etapas claras mostraram-se estratégias eficazes para garantir a participação desses alunos. Essa prática reafirma a concepção de que a inclusão não deve ser entendida como uma medida pontual, mas como parte constitutiva do processo pedagógico. Ao adotar tais estratégias, o professor não apenas atende a uma demanda legal e institucional, mas também reconhece a singularidade de cada sujeito, fortalecendo o caráter humano e democrático da educação.





X Encontro Nacional das Licenciaturas
Institucionalização da Inclusão

A análise do eixo referente à adaptação de atividades demonstrou que estas foram planejadas desde o início, e não inseridas posteriormente como medidas compensatórias. Textos introdutórios acessíveis, questões graduadas em nível de complexidade e uso de diferentes linguagens de apoio (vídeos, simulações, QR codes) favoreceram múltiplos estilos de aprendizagem. Essa sistematização de recursos aponta para um entendimento pedagógico que assume a adaptação como princípio de inclusão, não como exceção, o que fortalece o compromisso institucional com uma educação de qualidade para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências proporcionadas pelas duas observações do Método POE (Predizer, Observar e Explicar) evidenciaram a relevância de metodologias investigativas e interdisciplinares no processo de ensino-aprendizagem, especialmente quando aplicadas em contextos de inclusão educacional. A vivência prática permitiu compreender que a efetividade de uma metodologia não depende apenas de sua estrutura teórica, mas também da forma como é mediada, contextualizada e adaptada às especificidades de cada aluno.

No âmbito da formação inicial docente, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) revelou-se um espaço essencial para o desenvolvimento de competências pedagógicas, científicas e humanas. As atividades desenvolvidas possibilitaram aos bolsistas compreender a complexidade do ambiente escolar, reconhecendo-o como um espaço de diversidade, diálogo e constante aprendizado. O contato direto com estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) representou um exercício de sensibilidade e empatia, promovendo a reflexão sobre a necessidade de planejar práticas que valorizem a autonomia, a individualidade e o potencial cognitivo de cada discente.

A primeira aplicação do método permitiu observar como a interação individualizada e o respeito à autonomia dos alunos com TEA contribuem para um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e produtivo. Já a segunda aplicação demonstrou a importância da integração interdisciplinar, do uso de recursos tecnológicos e da contextualização narrativa como estratégias capazes de despertar o interesse e fortalecer o entendimento conceitual, sobretudo em conteúdos tradicionalmente considerados abstratos, como os de Física.

Essas experiências reforçaram a compreensão de que o ensino inclusivo não se restringe a adaptações pontuais, mas envolve a reconfiguração das práticas pedagógicas com

base na escuta ativa dos alunos e na reflexão crítica dos professores. As entrevistas realizadas ao final das aplicações foram fundamentais nesse sentido, pois revelaram não apenas as percepções dos estudantes com TEA, mas também a necessidade de reconhecer suas vozes como parte integrante do processo educativo.

Do ponto de vista formativo, as atividades proporcionaram aos bolsistas a oportunidade de articular teoria e prática de maneira concreta, ampliando sua visão sobre o papel do professor como mediador da aprendizagem e agente de inclusão social. A vivência em sala de aula, associada ao planejamento coletivo e à análise dos resultados, possibilitou desenvolver habilidades relacionadas à observação pedagógica, à comunicação empática e à adaptação de estratégias de ensino.

Portanto, pode-se afirmar que as duas observações realizadas não apenas contribuíram para o aperfeiçoamento do Método POE, mas também para a formação integral dos futuros docentes envolvidos. O trabalho colaborativo, o diálogo interdisciplinar e o compromisso com a inclusão tornaram-se pilares fundamentais dessa experiência, reafirmando o papel do PIBID como um programa transformador, capaz de aproximar a universidade da escola e de preparar educadores críticos, sensíveis e comprometidos com uma educação pública de qualidade.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Cláudio Roberto. *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva*. Brasília: MEC/SEESP, 2008.
- CARVALHO, Rosita Edler. *Educação inclusiva: com os pingos nos is*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 14. ed. Campinas: Papirus, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- KANNER, Leo. *Autistic disturbances of affective contact*. *Nervous Child*, v. 2, p. 217–250, 1943.
- KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.



PAPERT, Seymour. *Mindstorms: children, computers, and powerful ideas*. New York: Basic Books, 1980.

PIMENTA, Selma Garrido. *O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

VALENTE, José Armando. *O computador na sociedade do conhecimento*. Campinas: UNICAMP/NIED, 2005.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WING, Lorna. *The continuum of autistic characteristics*. In: SCHOPLER, Eric; MESIBOV, Gary B. (Org.). *Diagnosis and assessment in autism*. New York: Plenum Press, 1988. p. 91–110.